

A LITERATURA COMO LUGAR DE POSSIBILIDADES

LA LITTÉRATURE COMME LIEU DE POSSIBILITÉS

Hérica Jorge Pinheiro¹

*Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.*

Antonio Machado

A literatura, área considerada materialização linguística de fatores culturais, estéticos, sociais e históricos, campo das humanidades, por excelência, pode expressar um entendimento singular do mundo e ainda tramar um caminho de possibilidades e inquietudes. Um percurso que nem sempre segue uma linha reta e determinada, mas que é possível ser construído, e sobretudo, vivenciado, por meio de experiências imprevisíveis.

¹ Docente do Programa de Língua Portuguesa nas Instituições do Ensino Superior Privadas de Díli (IESP) - Ministério do Ensino Superior, Ciência e Cultura de Timor-Leste (MESCC) e Doutoranda em Literatura de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC).

Como aluna da primeira turma do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários - PPGEL da UNEMAT, defendi a minha Dissertação de mestrado há uma década. Considerando a importância desta formação, desde então, minha vida acadêmica e profissional seguiram um itinerário inesperado. É sobre algumas reflexões e impressões desta jornada, no que se refere ao contexto internacional, que pretendo relatar, de forma sucinta.

No mesmo ano da minha defesa de Mestrado, em 2012, após ser selecionada para o Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste - PQLP, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, segui para o sudeste asiático onde permaneci por quase três anos. Eu já havia lecionado literatura e língua portuguesa por alguns anos na rede pública de ensino e nos cursos que se chamavam pré-vestibulares no Brasil. Um período de práticas em sala de aula bastante válido na minha trajetória profissional.

Antes de discorrer acerca de algumas experiências subjetivas nesse contexto que estava a surgir, é necessário pontuar brevemente alguns fatores de ligação entre o jovem país, Timor-Leste, independente há dezoito anos, e a língua portuguesa.

Em 1975, meses após ter deixado de ser colônia de Portugal, Timor-Leste foi invadido pelo país vizinho, a Indonésia, que ocupou o território até 1999. Durante esse período a violência alargou-se a aspectos linguísticos e culturais, entre os quais se incluem a proibição do português e a imposição da bahasa indonésia como a única língua nacional, ensinada de forma massiva nas escolas.

Além da intensa violência física diante de um contexto em que falar português poderia significar a morte, uma das ações da política de descaracterização cultural foi a destruição em massa de todos os livros em língua portuguesa existentes nas repartições públicas timorenses. A respeito, o padre João Felgueras, que vive em Timor há muitos anos, lembra que: “os primeiros 10 anos de guerra foram, muitas vezes, de risco para quem tivesse livros ou fizesse uso da língua portuguesa. Nesses primeiros anos, os livros eram escondidos, enterrados, à espera de melhores tempos” (2001: 44).

O português se tornou uma língua clandestina e símbolo da

resistência timorense. Em 2002, com a independência do país, foi oficializada língua nacional, juntamente com o tétum. Escolhida também pela história marcada por quatrocentos e cinquenta anos de colonização além de servir de resistência contra os indonésios.

Apesar de ter uma pequena extensão e população também relativamente pequena, Timor-Leste tem um contexto linguístico que vai além de suas duas línguas oficiais. Coexistem no país ainda o bahassa indonésio, o inglês, entre outras locais a exemplo do fatuluku, makasae, uaimora, maclere e tetun-terik. O linguista Geoffrey Hull (2002) considera que a língua portuguesa exerce um papel central na civilização timorense em relação com o seu passado, sobretudo na manutenção do conhecimento das línguas que desempenharam um papel fulcral na gênese da cultura nacional.

É diante desses fatores que comecei a lecionar português como segunda língua em órgãos governamentais e em disciplinas no âmbito da literatura na UNTL – Universidade Nacional de Timor-Leste.

O português em Timor está em diferentes áreas e níveis de proficiência da comunicação oral e escrita. Por regra, as aulas nas universidades são ministradas em língua portuguesa e tétum, porém, a realidade é que a língua indonésia ainda é muito presente em sala de aula e fora dela. A proibição do português por mais de duas décadas em Timor-Leste deixou consequências desfavoráveis para a sua implementação ao se oficializar como segunda língua do país.

No ensino de português como segunda língua, num nível mais avançado de proficiência, é possível trabalhar textos literários, como contos e poemas. Na literatura, a língua, além de ser um instrumento de comunicação, é a própria substância literária, praticada não só para comunicar mas para fazer a língua funcionar. Assim sendo, os poemas de autoria timorense sempre surtem bons resultados na sala de aula.

Poetas como Xanana Gusmão, Borja da Costa e João Aparício, chamavam a atenção pela identificação com os temas ou pelo registro subjetivo de um período tão doloroso para os timorenses, que de muitas formas ainda está vivo em suas lembranças. Muitos

autores fazem do passado pessoal e coletivo, durante a resistência, base para a construção de suas obras.

A propósito, uma das experiências inesquecíveis aconteceu com uma turma de nível avançado. Com a informação que todos alunos vivenciaram a ocupação indonésia, após a leitura e análise de alguns poemas, pedi que escrevessem em português sobre o dia que mais havia marcado na memória de cada um deles, nos tempos em que Timor estava sob o domínio indonésio. Uma atividade individual, com relatos sobre lares queimados, violência constante, parentes assassinados, fugas, genocídios e liberdade. Tudo socializado oralmente com muita lágrima e emoção, numa tarde em que a oralidade dava forma a uma história ainda que ainda está por ser contada.

No Departamento de Formação de Professores da Faculdade de Educação, Artes e Humanidades da Universidade Nacional Timor-Leste, lecionei as disciplinas de Literatura de Língua Portuguesa, Literatura Timorese e Literatura para a Infância. Entretanto, é necessário notar que desde o período colonial português o acesso à literatura em Timor-Leste foi muito restrito, pois além de ignorarem a cultura e a história timorese, a negligência ao direito de acesso à literatura se estendeu ao período de domínio indonésio. Nos 24 anos de ocupação, além do extermínio de livros em português, no sistema educacional basicamente não havia a disciplina de literatura, nem mesmo na língua imposta naquele período.

A literatura, além de ser indispensável para o processo de humanização, pode ser um instrumento poderoso de instrução e aperfeiçoamento do idioma. Neste sentido, o cuidado com a escolha de um repertório de textos literários coerente com a realidade dos estudantes timorenses foi fundamental para o bom desenvolvimento das aulas. A respeito, durante o curso da disciplina Literatura para a Infância, um trabalho intertextual, gerou pesquisas e resultados surpreendentes.

Buscando contextualizar um dos contos infantis ocidentais mais conhecidos, “Cinderela”, para o universo das crianças timorenses, foi proposta uma pesquisa em grupo, de narrativas orais locais, que de alguma maneira se assemelhassem com os elementos

centrais do conto infantil, naquilo que era a ideia de salvação de uma personagem explorada.

As narrativas pesquisadas, carregadas de aspectos e símbolos da cultura timorense, partiram da oralidade de várias línguas ágrafas, como o makasae e mambae, para o registro escrito em português, considerando contos que pudessem ser mais significativos para as crianças, pela identificação de elementos, situações e espaços. Essa foi uma experiência muito produtiva e, com os registros, os estudantes confeccionaram livros artesanais destinados às classes infantis das escolas onde já estavam a lecionar.

Apesar do pouco acesso a obras literárias, há uma relevante literatura de tradição oral timorense que resiste às práticas culturais da atualidade com aspirações globalizantes. Reconhecer e valorizar esta produção também dentro do ambiente acadêmico me fez observar, de maneira mais atenta, o valor da ancestralidade e o compromisso com os antepassados, além de permitir ocasiões não programadas de conhecimentos recíprocos e solidariedades.

O ensino das literaturas de língua portuguesa, dentro de um contexto que tem o português como língua oficial, seja no interior do Brasil ou na capital de Timor-Leste, consiste em relevantes particularidades sociais, históricas e sobretudo as que se referem ao vínculo intercultural. No entanto, quando a sala de aula para essa docência localiza-se em um país do Oriente Médio, situado no nordeste da África, com língua oficial árabe, religião predominantemente muçulmana e aparentemente nenhuma ligação com a língua portuguesa, as peculiaridades parecem ser mais acentuadas. E então, começava em 2016, uma nova trajetória.

Em outubro de 2016, comecei a lecionar literaturas no Departamento de Língua Portuguesa da Universidade de Aswan, no Egito. Uma experiência imersa a um contexto social e cultural bem distinto dos países onde a língua portuguesa é oficial.

Instituído em outubro de 2014, o primeiro departamento de língua portuguesa nos países árabes, situado na Universidade de Aswan no Egito, tem grau acadêmico de nível superior e atribui aos estudantes o diploma de licenciatura em Língua Portuguesa ao final de oito semestres letivos. É significativo sinalizar que em outras

universidades árabes, a língua portuguesa é subordinada como disciplina ao departamento de língua espanhola, como é a situação da Universidade de Ain Shams, no Cairo, entre outras.

A literatura consta no currículo do curso basicamente nas disciplinas de História da Literatura e Textos Literários e iniciam-se somente no segundo ano, a partir do terceiro semestre, quando o estudante já possui um nível intermediário de conhecimento da língua devido às aulas de gramática, conversação, leitura de textos e redação decorridas durante o primeiro ano letivo.

A disciplina História da Literatura, dividida em seis semestres, apresenta aos estudantes os períodos históricos e literários português, brasileiro, dos países africanos de língua oficial portuguesa e também da nascente literatura timorense. Assim, durante meu trabalho na Universidade de Aswan, em cada semestre, foram analisados pontos importantes no percurso social pelo qual a história da literatura cumpre uma função cultural e ideológica.

No entanto, para que o ensino de literatura não arrisque a privilegiar o sequenciamento temporal, a caracterização de épocas, autores e obras canônicas, há no currículo a disciplina intitulada Textos Literários, igualmente dividida em seis semestres e fundamental para a prática de leituras, interpretações, entendimento de questões teóricas e relações intertextuais.

No primeiro dia de aula, surpreendeu-me as turmas compostas em sua maioria por mulheres, eram 27 alunos, sendo somente 3 homens. Todos bem jovens, na faixa dos 20 anos. As alunas estavam vestidas com roupas ocidentais (calças jeans, tênis), porém das partes descobertas do corpo, somente as mãos e o rosto eram visíveis, pois havia também o véu a cobrir os cabelos. Ali eu encontrava um liame cultural e histórico que transcendia o universo ocidental do meu imaginário.

Eu já havia lecionado para alguns poucos alunos muçulmanos que dividiam a sala de aula com católicos, evangélicos e hindus na Universidade Nacional de Timor-Leste. Uma diversidade que fazia com que nenhuma religião fosse estabelecida. Mas ali o contexto era outro, um universo islâmico estava à minha frente. Consciente dos conteúdos e dos temas que poderiam ser abordados, julguei

equivocadamente ter uma situação um tanto complexa, que talvez não favorecesse o aprofundamento de algumas questões.

Mesmo com um bom nível de português, durante a leitura literária em sala de aula, era comum intervalos para esclarecer alguma palavra ou expressão devido a diferença nas variedades de expressões linguísticas, e mesmo para se aperfeiçoarem no idioma ou interpretar melhor, o que também acontecia nas aulas em Timor-Leste. Porém, quando o texto trazia a leitura de intimidades físicas entre as personagens, como um beijo na boca ou algo similar, surgiam alguns balbucios em árabe, um certo estranhamento e ao mesmo tempo questionamentos acerca da diferença nos valores da sociedade e questões culturais. E assim, no decorrer das aulas, as análises partiam de algum nível de estranhamento para uma certa identificação na medida em que o texto provocava e convidava a discussões e reflexões sobre a cultura como estruturante de valores morais da sociedade.

As diferenças socioculturais, por vezes colocadas em cena durante a aula, eram abordadas e confrontadas com diversos modos de percepção que não escapavam, em um primeiro momento, de disposições comparativas. Por isso, os textos escolhidos para estudo passavam pelo crivo de indagações de como aquela turma específica poderia reagir na leitura, como poderia ser o diálogo diante do que o texto apresentava e qual seria a sua representação para aquelas alunas e alunos, com intuito de levar mais longe a interpretação, estimular o espírito crítico e a percepção da diferença.

As literaturas africanas despertaram nas alunas e nos alunos o anseio em conhecer a diversidade e proximidades culturais com relação ao seu próprio continente. Foram abordados desde temas como a infância dos contos de Ondjaki às narrativas engajadas como ao contos de Luís Bernardo Honwana e a poesia de Agostinho Neto. Ainda, a respeito da literatura de resistência, também foram apresentados aos alunos os poemas do timorense Borja da Costa e do brasileiro Ferreira Gullar, em que a contextualização social e histórica foi fundamental perante a exigência das obras dos autores.

Em uma sala da aula fora do ambiente nacional do professor, percebi que há necessidade de um maior cuidado com a imposição

do contexto sociocultural e histórico, sobretudo no que tange a cultura ocidental, em que é fundamental a abertura ao diálogo. A contextualização da obra literária promove a expansão dos horizontes culturais e no ensino de literaturas de língua portuguesa para alunos estrangeiros pode ser um fator essencial para reconhecer o outro e, em decorrência, haver uma relação de conhecimento e interesse recíprocos.

Em função da disciplina de História da Literatura, considerei pertinente o estudo do texto da peça teatral de Gil Vicente, “Auto da Barca do Inferno”, mesmo presumindo que pudesse gerar algum incômodo. Utilizamos uma edição escolar com uma linguagem mais acessível e delineamos os contornos gerais da produção vicentina.

Inicialmente, a orientação contextual destinou-se para enquadramento da peça no seu tempo histórico, quanto ao autor, a temática, a encenação, as personagens, os processos cômicos e a linguagem. Porém, a obra do século XVI, escrita ainda na Idade Média, destaca em seu desfecho a salvação dos quatro cavaleiros, por lutarem pelo triunfo da fé cristã. Essas personagens representam as cruzadas contra os mouros de religião islâmica, mesma religião das alunas e dos alunos que estavam estudando o texto. Surgiram várias dúvidas, tanto deles a respeito das cruzadas quanto minhas em relação à percepção, do lado árabe, dos acontecimentos tematizados pelo autor português. Foram feitas então, pesquisas históricas que permitiu depreender um evidente conhecimento mútuo, sobretudo acerca da invasão islâmica na península ibérica e o papel relevante dos egípcios na história das cruzadas. As alunas e os alunos ficaram instigados a escrever uma versão árabe do enredo do Auto de Gil Vicente.

Outras aulas, como uma básica explanação acerca de “Os Lusíadas” e sobre o desaparecimento de Dom Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir, fizeram aflorar novamente o interesse pelas questões históricas como os séculos de presença islâmica na península Ibérica, precisamente em Portugal. As argumentações deram ênfase aos diálogos culturais acerca dos vestígios árabes que a longa permanência muçulmana deixou no país, principalmente na arquitetura, na alimentação e na língua. As alunas e os alunos

também apresentaram fatos relevantes para a literatura ocidental, como as traduções feitas pelos árabes de textos clássicos gregos e latinos, o que possibilitou a recuperação dessas obras para a Europa renascentista, após muitas delas terem se perdido na Idade Média.

Durante esse meu período de trabalho na Universidade de Aswan, o Departamento, juntamente com os estudantes e professores, ainda organizou em 2017, a “Jornada de Língua Portuguesa”, com a presença de representantes de instituições de vários países de língua portuguesa, como da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Brasil; da Universidade Agostinho Neto, Angola; da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique; da Universidade do Porto e Instituto Camões, de Portugal.

Aquela situação que, no primeiro dia de aula em Aswan, julguei um tanto complexa, desmanchou-se logo nas primeiras semanas. Criou-se um espaço de interesse diário no ato de ensinar e aprender numa relação democrática que garantiu a possibilidade de todos se expressarem como agentes de conhecimento.

Depois de um ano no Egito, segui para Portugal em 2017, onde iniciei meu curso de doutoramento no Programa de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Durante dois semestres de cumprimento das disciplinas obrigatórias, tive a oportunidade de ter como meus docentes nomes que eu admirava, como os professores Dr. Pires Laranjeira, Dr. Carlos Bernardes e o Dr. Carlos Reis. Este último nos presenteou com uma visita à Fundação Saramago, em Lisboa, guiada especialmente pela viúva do escritor, Pilar Del Rio. Além de terem propiciado momentos como esses, os professores me inspiraram a realizar estudos que até então eu nem imaginava que poderiam tornar minha vida intelectual muito mais interessante.

Nas disciplinas optativas escolhi um outro ambiente, o Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia, onde além de socializar com outro universo de conhecimento e pessoas de vários países, pude assistir presencialmente as aulas magistrais de Boaventura de Sousa Santos.

Quanto ao meu projeto de doutoramento, minhas vivências em Timor-Leste me deram segurança do que eu gostaria de pesquisar. Todavia, a experiência no Egito me trouxe algumas

incertezas e quase mudei a minha ideia inicial de estudo. Hesitei, mas segui no que eu já havia conjecturado sobre a literatura timorense. Minha tese em andamento, sobre a literatura timorense, está sob a orientação dos professores doutores Pires Laranjeira e Ana Paula Arnaut.

Coimbra, também chamada de *Cidade dos Estudantes*, por sediar a primeira universidade portuguesa, uma das mais antigas da Europa, é um lugar repleto de arte, cultura e história, com bibliotecas importantes como a Joanina, teatros e festivais. Como aluna do curso de doutoramento participei e contribuí na organização de eventos internacionais como o Colóquio “Identidades, Transfronteiras, Géneros e Sexualidades nas Literaturas africanas e Outras de Língua Portuguesa” idealizado pelo professor Dr. Pires Laranjeira; “Figuras da Ficção” e o Congresso “José Saramago: 20 Anos com o Prémio Nobel”, com a presença do Presidente da República de Portugal, eventos com a organização geral do professor Dr. Carlos Reis.

Toda a diversidade existente em Coimbra ainda fez surgir o livro “Coimbra em Palavras”, organizado pelo meu colega de curso de doutoramento, Wagner Merije e publicado em 2018. Com posfácio de Adriana Calcanhoto, o livro reúne autores de todo o mundo, que nasceram, vivem, viveram ou passaram pela cidade. Eu escrevi as minhas impressões no conto “Como se comportar na solidão”, título que faz alusão ao poema “Caso de Amor” de Manoel de Barros, autor de alguns livros que analisei no meu projeto de dissertação de mestrado, orientado pela professora Dra. Vera Maquêa,

Hoje, escrevo dentro de um fuso de 12 horas de diferença do horário de Brasília. Voltei para Díli, capital de Timor-Leste, este país que também considero meu. Desta vez não tenho vínculo profissional com o governo brasileiro e sim com o timorense. Continuo a trabalhar com formação em língua portuguesa para professores. Sempre que é possível, utilizo poemas e textos literários, não só na sala de aula, mas em vários outros ambientes onde eu possa apresentar e instigar a leitura do universo diversificado de autores das literaturas de língua portuguesa.

Aqui, aproveito para continuar a minha pesquisa e me surpreendo positivamente cada vez mais com a cultura e a

capacidade de resiliência e resistência do povo timorense.

Participo de grupo de pesquisas e eventos em que Timor é o centro das discussões, como o “Colóquio internacional da Timor-Leste Studies Association” – TLSA-PT, ocorrido em 2020, com apoio do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Nas minhas escolhas, acadêmica e profissional, é necessário ter um princípio de abertura para o aprendizado constante, e isso se intensificou dentro de um contexto estrangeiro. As literaturas de língua portuguesa, instrumentos poderosos de instrução e educação na formação intelectual e afetiva, possibilitaram o exercício da solidariedade e do respeito à pluralidade de ideias e culturas, determinantes na interação e consciência de reconhecimento do outro.

Não sei por quanto tempo seguirei este caminho, tampouco o que está por vir. Atento ao que se atravessa no meu percurso, às possibilidades inesperadas de experiências e conhecimentos, pois como sabiamente diz Mbembe “trata-se portanto de prestar atenção ao próprio caminho e aos itinerários mais do que o destino. Daí a importância da estrada (2014, p.246)”.

REFERÊNCIAS:

BERNARDES, José Augusto Cardoso e Mateus, Rui Afonso. **Literatura e Ensino do Português**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013.

FELGUERAS, Pe. João. *As Raízes da Resistência*. In Camões – **Revista de Letras e Culturas Lusófonas**, nº 14, Lisboa, Instituto Camões, p. 42-49, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HULL, Geoffrey. **Timór-Lorosa’e: identidade, lian no política edukasionál** (Timor-Leste: identidade, língua e política educacional). Díli: Instituto Camões, 2001.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.